UMA VIAGEM
Dênis Eduardo
3ª. EDIÇÃO

Adriano
Rodrigues
UMA VIAGEM

Dênis Eduardo

UMA VIAGEM

3ª Edição

Capa: Avelino P. Guedes
Ilustrações: Ciça Fittipaldi
Roteiro de leitura: Maria Aparecida F. Spirandelli

Impresso na Grol editora gráfica ltda

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

E26v

Eduardo, Dênis.
Uma viagem / Dênis Eduardo. — São Paulo : Atual, 1987.
(Série feitiço)

1. Ficção científica — Literatura infanto-juvenil 2. Literatura infanto-juvenil I. Título. II. Série.

87-1298 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção científica : Literatura infanto-juvenil 028.5
2. Literatura infanto-juvenil 028.5
3. Literatura juvenil 028.5

ATUAL EDITORA LTDA.
Rua José Antônio Coelho, 785
Telefone: 575-1544
04011 — São Paulo — SP

LOYLCVE

4 6 8 10 9 7 5 3

NOS PEDIDOS TELEGRÁFICOS BASTA CITAR O CÓDIGO: AFIY4410J

ISBN 85-7056-132-6

Nasci numa madrugada de maio, em 1967. A cidade era Ribeirão Preto, norte do Estado de São Paulo. Lá passei minha infância de fundo de quintal. Menino de poucos amigos, sempre brinquei só. Nunca fui de subir em árvores, e detestava empinar pipa. Gostava muito de filme de "bang-bang" e assistia TV a tarde toda. Aos seis anos, entrei na escola, de onde até hoje não saí. Sempre fui ruim de bola.

Aos treze anos, achei que podia escrever um livro. Pude: o livro ficou pronto dois anos depois. Li quase tudo o que Monteiro Lobato escreveu para crianças e muitos outros livros infantis de vários títulos e figuras.

Durante algum tempo, toquei piano; hoje, não sei mais.

Estudo Medicina na Universidade Estadual Paulista desde 1985. Nas horas de folga, gosto de me sentar ao pé de um abajur e ler um bom livro, mas não dispenso jogar conversa fora com um ou dois amigos sem lembrar da vida.

"Uma Viagem" é o meu primeiro livro, mas não o único: espero ainda poder escrever muito para crianças.

Ao meu mestre e amigo
Luiz Puntel

UMA VISITA

Tudo começou naquela manhã de janeiro. O sol bateu forte na janela e veio acordar Antônio. Ele deu um grande bocejo, espreguiçou bastante, esfregou os olhos para ver se acordava mesmo e se levantou. Foi à janela. Estava um dia lindo! De lá de cima, do quarto andar, viu a meninada jogando uma pelada em frente ao prédio. Não esperou mais um minuto. Saiu feito louco atrás dos tênis, das meias, do calção, vestiu-se depressa e desceu correndo.

— Menino, você nem tomou o seu café! — gritava a sua mãe, insistente, mas era tarde: ele já estava lá embaixo.

Antônio era um menino alegre. Gostava de brincar, rir e estava sempre disposto quando surgiam novas aventuras. Gostava também de imaginar coisas, bichos, inventar peripécias mágicas de piratas, robôs, astronautas. Às vezes fazia isso na sala de aula e sua professora bronqueava:

— Antônio, preste atenção!

Ele ficava sério, sem graça e voltava a ouvir a Matemática — "dois e dois são quatro" —, a Geografia — "aquele é o Mar Vermelho" —, o Português, a História, a Química e tudo mais. Antônio sempre foi estudioso. Sua escola ficava perto do prédio onde morava. Ia e voltava a pé todos os dias. Mas por que hoje ele não foi? Porque hoje começam as férias. Sim, as férias! Por isso todo aquele alvoroço na rua: as bicicletas zanzando de lá pra cá, a bola rolando — um chute aqui: pimba; outro ali: pumba — e o bibi dos carros querendo passar no meio da festa.

Agora o jogo está acabando. Há uma gritaria.

— Passa a bola!

Antônio passa. Ricardão recebe, mira bem no gol e chuta — que chute! O goleiro não agarra: goool!! Ricardão sai pulando, comemorando.

— Mas é um Pelé mesmo!! — vai gritando Ricardão, com um sorriso no rosto, os braços erguidos.

— Menino, vem almoçar! — chamou uma voz.

— Ah, mãe! — Ricardão vai, já sem o sorriso, aborrecido. — Não dá nem pra comemorar direito, puxa!

Os outros também vão embora. O jogo acabou.

Antônio enxuga o suor gotejante da testa e corre para casa. Está morto de sede.

Quando entra, escuta uma voz de homem. Não era a de seu pai. Alguém conversava com sua mãe na cozinha. Era uma voz estranha, não entendia bem o que falavam. Vai devagar, procurando não fazer barulho. Pé ante pé, atravessa a sala. Quem será, quem? Mais dois passos. . . Pronto: chega à porta. Está entreaberta. Toma fôlego e. . . a empurra. . .

O CONVITE

— Ai, que susto, filho!

— Oi, mãe! — disse Antônio, sem graça.

— Como você está suado! Sente um pouco — recomendou sua mãe, com os olhos surpresos.

— O jogo foi difícil — completou o menino, com jeito de craque.

A mulher parou o que estava fazendo, olhou para Antônio, depois para o homem sentado à mesa, e falou:

— Filho, eu queria apresentar-lhe seu tio Zé.

— Como vai? — perguntou tio Zé educadamente.

— Vou bem — respondeu o garoto.

— Filho, vá tomar um banho, que depois queremos falar com você — pediu a mãe.

— Tá bom... Volto já!

O menino foi para o quarto, desconfiado. O que queriam falar com ele? E aquele homem? Antônio já o vira em algum lugar. Era esquisito: tinha uma cara vermelha, enrugada, era meio careca — deu para ver, porque ele estava com o chapelão de palha nos joelhos — e bem magro. Mas era simpático, não tinha dúvida. O garoto entrou no chuveiro, tentando lembrar-se de onde o conhecia. Forçou, forçou a memória e acabou se lembrando: o homem tinha um grande sítio (seu pai dissera uma vez) e tinha também um sobrinho de sua idade. Mas e o nome dele? Como era mesmo?

"Acho bom acabar logo esse banho. Não quero esperar mais pra saber o que eles querem comigo", pensava Antônio.

Acabando, correu para a cozinha.

— Pronto, estou aqui. O que vocês têm pra me dizer?

Dona Helena, a mãe do menino, e tio Zé entreolharam-se. Então, o homem deu uma goladinha no café que tinha à sua frente e começou:

— Filho, proseei com vosso pai e ele me fez um pedido — explicou o tio, cruzando as pernas e mostrando o botinão, enquanto tirava o chapéu de palha de cima dos joelhos.

— Qual? — perguntou Antônio impaciente.

— O pedido dele foi que eu convidasse você pra passá alguns dias no meu sítio. Ele acha que você precisa mexê com a terra. Sabe, menino de cidade não entende nada de roça...

Antônio quase caiu de quatro com o convite. Era tão fantástico que não tinha palavras.

— Antônio, aceita? — perguntou dona Helena.

O garoto fez que sim com a cabeça e saiu da cozinha. Após algum tempo, ouviu-se um grito eufórico:

— IAAAAUU!!

A VIAGEM

No outro dia tio Zé viria buscá-lo. Naquela noite, Antônio dormiu pouco. Que viagem! Ia ser algo inesquecível. Ficava imaginando os lugares por onde passaria, as estradas, as paisagens, as pessoas que encontraria.

Logo de manhã as malas já estavam feitas e os biscoitos para comer no caminho, em seus bolsos. Tio Zé chegou com seu jipe às oito. Ao ouvir a buzina, Antônio desceu correndo e saltou no banco da frente com a cara mais alegre deste mundo. Tio Zé pegou as malas e dona Helena veio para as despedidas:

— Toninho, cuidado com o sol. Vê lá se não fica resfriado. E não fique descalço, faz mal — a mulher tinha a voz um pouco tristonha. — Cuidado... Tchau! — e beijou o filho.

— Tchau, mãe! Tchau...

O carro saiu. Dona Helena ficou lá atrás.

Tinham muito que andar... A estrada para o sítio era longa.

Antônio devorava cada quilômetro com um feroz apetite no olhar. Margeando a estrada havia mato, algumas árvores distantes umas das outras e uns morros lá longe. O que viria depois deles? Algumas vezes mudava tudo, e só se viam plantações.

Quando os olhos do menino já estavam fartos de asfalto, o jipe diminuiu a velocidade de repente, entrou no acostamento e logo em seguida numa estradinha. Antônio surpreendeu-se. E agora?

— Agora, rapais, nóis vàmo pegá essa estradinha de terra que vai dá lá no sítio.

— E demora, tio? — Antônio estava impaciente.

— Um pouco, mas não dá pra cansá...

Ah, uma estradinha de terra! Bem diferente das estradas por onde Antônio costumava andar. Calma, úmida, com moitas de capim no meio do caminho, árvores, muitas árvores escondendo-a do sol. E o rastro de poeira atrás do carro. Um mata-burro — craque, craque, craque. Uma ponte de madeira

— que medo da gente cair! Um baque aqui — upa! —, outro baque ali e um buraco lá — ai, que dor nas costas! Mas o menino não se lembrava de dores, ele só queria respirar bem fundo aquele cheiro de mato.

A CHEGADA

Lá adiante se via uma porteira com uma tabuleta bem em cima:

Sítio do Tio Zé

Passaram a porteira. Pegaram um caminho torto, cheio de sobe-desce. Aquilo é que eram solavancos! Por todo lado se viam pés de milho e lá na frente estava uma grande casa branca. Foi lá que o jipe parou.

— Que beleza! — exclamou Antônio de boca aberta.

O menino não sabia se descia ou se ficava olhando. Tio Zé puxou-o para fora do carro — "vamo, rapais" — e, pondo a mão no seu ombro, levou-o até a casa. E assim, como dois grandes amigos, entraram.

— Sinhá Benta! Ó sinhá! Chegamo!

A negra veio apressada da cozinha, enxugando as mãos no avental.

— Seo Zé? Já chegaro! Foro bem de viage? — e, sorrindo para Antônio, perguntou: — E esse aqui? É o minino da cidade? Mais que bonito!

— Obrigado! — disse Antônio encabulado.

— Intão? Cansaram, hem? Tão cuma cara de fome! Vem cá, minino, vem que vô te dá arguma coisa pra enchê a pança. E o sinhô, seo Zé, num qué?

— Depois, sinhá, depois...

A negra puxava Antônio pelo braço, e ele olhava para o tio como que pedindo permissão.

— Vai rapais, vai — insistiu o tio.

A cozinha era enorme. Antônio entrou devagar, procurando olhar primeiro.

— Qué um pedaço de bolo de fubá? — perguntou sinhá Benta, encostada ao fogão de lenha.

— Pra mim tá bom...

— Intão espera um bocadinho que esquento o leite pra ocê tomá cum café que passei inda agorinha.

Puxa, que ar gostoso tinha aquela cozinha! Aquela mesa grande bem no centro. Aquelas canecas dependuradas bem à vista. Aquelas latas espalhadas pelas prateleiras que enchiam as paredes. Aquele fogão de lenha quentinho. Aquela negra velha, gorda, de vastos beiços e bochechas fartas, que fazia quitutes gostosos com uma facilidade e um tempero vindos do céu e que só agora Antônio iria apreciar. Essas pequenas coisas fizeram bem ao menino.

— Sinhá, sinhá Benta! — gritou uma voz lá fora.

— Que foi, Migué?

— A senhora nem imagina o que aconteceu... — a voz foi chegando mais perto, mais perto e Miguel apareceu na porta que dava para o terreiro. Ao ver Antônio, mudou de assunto:

— Ah, você! Você que é meu primo de cidade, né? Tio Zé me contou...

— Mais o qué que aconteceu, minino?

— Hem? Ah, sinhá, foi o Castro que ouviu ontem de noite uma barulheira lá pros lados do pomar.

— Se num fô mula-sem-cabeça...

— Não sei. Ele também viu umas luzes piscando, piscando. Ainda hoje eles vão ficar de tocaia pra ver se pegam o bicho.

— Cruis credo, minino, e se fô o boitatá? Eles tão é procurando chifre em cabeça de cavalo, é isso! — e sinhá Benta se benzeu três vezes.

Mas Sinhá Benta estava errada. Não era boitatá nem mula-sem-sabeça. Era algo diferente.

BARULHO NO GALINHEIRO

Depois que Antônio acabou de tomar seu café, Miguel levou-o para fora, no terreiro. E estavam lá — Miguel agachado procurando minhocas e Antônio só olhando — quando ouviram um barulhão no galinheiro ali perto.

— Opa! Que barulho é esse? O que será que têm essas galinhas? — desconfiou Miguel.

— Vamos ver...

Foram devagar. Ao chegar, esconderam-se atrás de uma bananeira para ver se viam gente. E viram:

— Carlito!! — gritou Miguel, já saindo do esconderijo. — O que você tá fazendo?

— Essas galinha... Elas tão muito assanhada hoje! — respondeu o menino, com uma galinha em cada mão e os cabelos cheios de penas. — A sinhá me pediu pra buscá uma peste destas pra ela fazê hoje de janta.

— Quer uma ajudinha?

— Não, brigado. Só quero uma coisa: não sei quar iscolho, se esta... — mostrou a da mão direita — ou esta... — e mostrou a da esquerda.

— Acho melhor a de peitinho amarelo.

— Pois bem. Dessa vez cê tá sarva, branquinha. Agradeça ali ao Miguel. Vai galinhá cum as outra, vai...

E, saindo do galinheiro, completou:

— Dexeu levá isto pra sinhá antes que ela bronqueia.

Mas antes tirou o chapeuzinho de palha da cabeça em cumprimento a Antônio — o primo da cidade.

Foi correndo. Os pés descalços enlameados andaram depressa; logo estava de volta.

— Cê viu o que tão falando lá no currar? Que o Castro viu num sei o que brabo lá perto do pomar?

— Sei. Eles vão tentar pegar o bicho hoje de noite!

— É... Só que tive uma baita idéia — disse Carlito, com o olhar aceso.

Pronto! Aí vem, agora!!

— O quê? — interessou-se Miguel, já prevendo o que poderia ser.

— Sabe... A gente podia i lá e tentá pegá o bicho antes deles.

— Nós?! Como?

— Ora... — e Carlito, surpreso, botou as mãos na cintura. — Cum istilingue, ué! E a sua espingardinha de chumbo, Miguel!

— Será? — duvidou Antônio.

— Tá bom, tá bom — Carlito foi vencido. — Mas — e sorriu de canto de boca — a gente podia, intão, vê o bicho... só vê — reafirmou para não ter desconfianças.

— É... pode ser... — disse Miguel.

— A gente vai com cuidado — observou Antônio. Mas depois, lembrando-se de algum detalhe, mudou de expressão: — Mas de dia? Não aparece só de noite?

— Só vamo ficá sabendo se a gente fô lá...

E lá foram eles para as bandas do pomar...

A PROCURA

O pomar do sítio era como qualquer pomar. Tinha mangueiras, jabuticabeiras, jaqueiras, amoreiras e muitas outras "eiras". Tinha aquele ar úmido e gostoso que dá uma preguiça na gente! Tinha o cheiro doce que assanha todas as vontades...

— Cuidado aí que tem um buraco! — advertiu Miguel a Antônio, que não conhecia o lugar.

— Olha, o negócio é mais pro meio. Nós inda tamo no cumeço — explicou Carlito. — Vamo entrando, vamo.

Andavam vagarosos, em silêncio. Mas mesmo assim o "slac-slac" das folhas podia ser ouvido. Procuravam, procuravam e não viam nada. Que vontade de encontrar a tal coisa! Daí, surge o barulho: "slac, slac, slac". Era alguém correndo

pelo pomar. Os corações batem mais forte. Com os olhos, procuram o que ouvem.

— Um gambá!!

— Ah, droga! Pensei que fosse a coisa — bronqueou Miguel com cara feia.

— Vamos continuar — insistiu Antônio.

Continuaram. Separados, agora, para dar maior rapidez. Mais alguns passos. Mais alguns olhares. Tateia aqui, tateia ali. Nada. Então:

— Antônio! — gritou Miguel.

— Hem?

— Desisto. Já olhamos esse pomar inteiro. Não tem nada aqui, não.

— Eu também acho — concordou Antônio, chegando perto do amigo. — Cadê o Carlito?

— Carlito!! Carlitoooo!! — berrou Miguel.

— Será que ele sumiu?! — desconfiou Antônio, deixando o queixo cair.

— Carlitooooo!! — Miguel berrou mais uma vez, pondo as mãos como um cone ao redor da boca.

— Tô aqui!

Olharam para cima. Lá estava Carlito dependurado numa mangueira.

— Vi umas manga madurinha, madurinha. Não güentei...

— E a coisa? — quis saber Miguel.

— Dexa ela pra depois. Sobe aqui. Tá bom... — respondeu Carlito, lambendo os beiços.

Miguel subiu. Antônio ficou embaixo, não tinha muita prática. Pegava as frutas que eles jogavam. Ao abaixar-se para apanhar uma que lhe escorregara das mãos, sentiu um leve toque em seu ombro. Virou-se para ver quem era. Olhou bem. Olhou de novo. Viu. Mas não acreditou...

UMA COISA DO OUTRO MUNDO

— Não me mate... Não me mate... — gritava Antônio, com as mãos sobre o rosto, enquanto caía sentado.

— Que foi? — perguntou Miguel, que lá de cima não via nada.

A coisa fazia sinal de "psiu" para o menino se acalmar. Mas ele gritava: — Não faça nada comigo... Eu sou novo pra morrer... — gritava sem parar, até que ouviu:

— Eu sou amigo...

Amigo? Será?

Antônio parou de berrar, mas ainda tinha os olhos escancarados e não conseguia se levantar. Miguel e Carlito desceram da árvore e foram chegando mais perto, desconfiadíssimos.

A coisa não sabia para onde olhar: para Antônio caído ou para os outros dois que a rodeavam, querendo vê-la por todos os lados. Na verdade, não era uma coisa. Era uma coisica. Tinha o tamanho de uma criança de cinco anos. Gordinha, de bochechas fofas, tinha o nariz pontudo e usava um boné de antenas. Vocês precisavam ver! E era verde, verde! A pele, a roupa, tudo. Ou melhor: era "verdes". A pele era verde-rosa. O camisolão, todo enfeitado, era verde-azul. As botinhas, verde-marrom. Sim, verde-rosa, verde-azul, verde-marrom. Nunca ninguém tinha visto tanto verde junto. Os garotos, espantadíssimos, olhavam, examinavam...

— Quer dizer que tudo em você é verde — confirmou Miguel.

— Sim. E não haveria de ser?

— É. É o que parece — disse o menino. — Mas espere um pouco. Nós já sabemos o verde da sua roupa, da sua cara: verde-azul, verde-rosa, verde não sei que mais... Mas ainda não sabemos o principal: quem é você? — e as palavras saíram carregadas de desconfiança.

— Eu? Sou X48.666 — respondeu o estranho.

— O quê?! — admiraram-se os três.

— X48.666.

— Que nome danado de diferente, sô! — gritou Carlito.

— De onde você é? — perguntou Antônio, levantando-se.

— Sou de outro planeta — disse o coisinha, dando alguns passos pelo pomar com um jeito intrigado.

— Você é marciano?! — desconfiou Antônio.

— Não, não... Não existem marcianos — sorriu o verdinho. Depois, mudando de tom: — O que é isto?

— O quê? Ah! Isto é um pomar; aqui se plantam frutas — explicou Miguel, meio abobado.

— Miguel — cochichou Carlito —, tô achando que esse bicho é o Bastião disfarçado. Ele me disse que tinha uma fantasia diferente pro carnavar...

— Fica quieto, Carlito! — ordenou Miguel dissimuladamente.

Os três garotos não sabiam o que fazer. Estavam empacados ali. O coisica parecia já ter se acostumado com eles; eles é que não se acostumavam com o coisica. De repente, ele sorriu, como se tivesse uma idéia. Deu um grande sorriso mesmo e virou-se rápido, de um salto, para os três.

— Vocês querem conhecer minha nave?

Os garotos levaram um susto. Mas Miguel, fingindo estar calmo, retrucou:

— Não sei... — e propôs aos outros dois: — O que vocês acham?

— Vamos — decidiu Antônio.

O extraterreno ia na frente todo lampeiro. Antônio vinha depois, seguido por Miguel. Carlito era o último; estava muito desconfiado:

— Miguel, é o Bastião, Miguel... É o Bastião...

— Ora, fica quieto! Que Bastião nada!

— Tá bom, eu fico. Mais que eu acho, eu acho, ué!

Saíram do pomar. Pularam a cerca: estavam fora do sítio. Andaram por um pasto enorme. E foram dar num pedaço de mata que ainda não havia sido cortado. Estava um pouco escuro. Ninguém falava. O estranho guiava os garotos, pisava firme, sabia onde ia. Logo à frente, após algumas árvores, havia uma clareira bem iluminada pelo sol. E lá estava a nave, toda brilhante.

— Que lindeza! — disse Carlito, boquiaberto.

— Você ainda acha que é o Bastião? — provocou Miguel, dando um cutucão no amigo.

O menino fixou bem os olhos, pôs as mãos na cintura e disse, indignado:

— Pois num é que o disgramado caprichô dessa vez!

A SUBIDA

A tal nave, sem dúvida, era muito bonita. O que tinha de luz! Azuis, amarelas, vermelhas, verdes, cor-de-rosa... e de todos os tamanhos. Tinha até uma vermelha, bem em cima, parecendo uma sirene.

— Vamos entrar? — convidou o talzinho, abrindo a porta.

A nave não era grande, o que causou um certo desconforto para os garotos. Estavam encantados, mas nem por isso deixavam a desconfiança de lado.

— Quanto aparelho! — disse Antônio.

— São uns brinquedinhos... — completou o coisica, sempre sorridente. — Quanto mais botões, mais divertido para pilotar.

— Eu tumém acho — concordou Carlito. E, chegando perto do volante, sonhou: — Já pensô isto vuando?

— Vocês querem dar uma voltinha? — sugeriu o coisica.

— Uma volta??? — os olhos dos três brilharam.

— Sim, uma voltinha só...

— Rápido, né? — propôs Miguel.

O coisinha concordou com a cabeça e com um sorrisinho malicioso no canto da boca.

— Intão vamo, ué! — Carlito aceitou pelos três.

— Pois acomodem-se nos seus lugares. Apertem os cintos. Preparem-se: olhos nas janelas, bocas fechadas para o coração não saltar. Aí vamos nós... Ipu, ipu, ipu, ipa! — o coisinha gritava, gesticulava, fazia caretas, saltitava, estava mais contente que os garotos.

A nave começou a tremer. De repente, ouviu-se um barulho muito alto: eram os jatos. As luzes piscavam. Os pés de

pouso foram recolhidos. Começavam a subir. Suavemente chegavam às nuvens. Que delícia!

— Olha lá o sítio! Olha o curral e a casa grande!

— E tio Zé andando lá, olha!

— Que legal ver as coisas daqui de cima!

Os meninos devoravam as paisagens que viam pelas janelinhas.

Ainda subiam...

— Olha a estradinha de terra! E lá a estradona cheia de carros, aquela por onde eu vim... A minha cidade! Que bárbaro! — apontava Antônio.

Não paravam. Subiam, subiam...

— Aqui é o Brasil... Olha lá a Amazônia: quanta árvore! Lá em cima são os Estados Unidos, tão vendo? E, em frente, a Europa! — ensinava Antônio.

— A Oropa é ali, então?! Como eu já ouvi falá nessa terra! — Carlito aprendia.

E subiram. Como subiram!

— Tamos no espaço! — Antônio não se continha de contentamento.

— Olha as estrelinhas! Que belezura! — mostrava Carlito.

— Cadê a Terra? Eu não tô vendo mais! — Miguel procurava.

— Já ficou lá pra trás — dizia o coisinha.

— E agora? — quis saber Antônio.

— Vamos dar uma voltinha pela Via Láctea — e o coisinha acelerou os jatos.

PLANETAS E ESTRELAS

— Via Láctea?! Isso é um estouro! — Antônio socou a mão.

A nave voava, rapidíssima. Passavam por planetas, estrelas, cometas.

— Quanta estrela! — admirou-se Miguel. E, pondo a mão sobre os olhos, olhou pela janelinha: — Até onde vão?

— Iiii! Longe! — disse o verdinho. — A Via Láctea é grandíssima... Olha quantas constelações!

— Constelações?! — não entendeu o menino.

— Constelações são grupos de estrelas — explicou o coisica.

— Essas constelações têm nome, não é? — lembrou Antônio.

O coisica fez que sim com a cabeça e depois completou:

— E cada nome! E não pensem vocês que são complicados, cheios de "alfas", "betas", "antefonadecos angulares" e "pragmáticos" — e fez uma careta. — Não! Elas chamam-se: Constelação da Ursa, da Flecha, da Lira, do Cruzeiro do Sul...

— Essa eu conheço! — Miguel ergueu o braço. — Vejo ela sempre lá do sítio. Tio Zé já me ensinou a procurar. — Depois, o menino fez um olhar interrogativo, como se procurasse entender alguma coisa: — Mas por que esses nomes?

— Esses nomes? — o coisica sorriu, enquanto se levantava da poltrona. — Eles são dados pelos astrônomos que as descobrem. Esses astrônomos são umas pessoonas interessantes. Têm uma imaginação! Eles acham que, ao juntar com uma linha as estrelas de um grupo, a figura que surge é parecida com alguma coisa: um altar, uma personagem de história, um escorpião e... pronto! Lá vão eles colocando os nomes.

Miguel olhou bem lá fora, depois pensou, pensou e enfim disse:

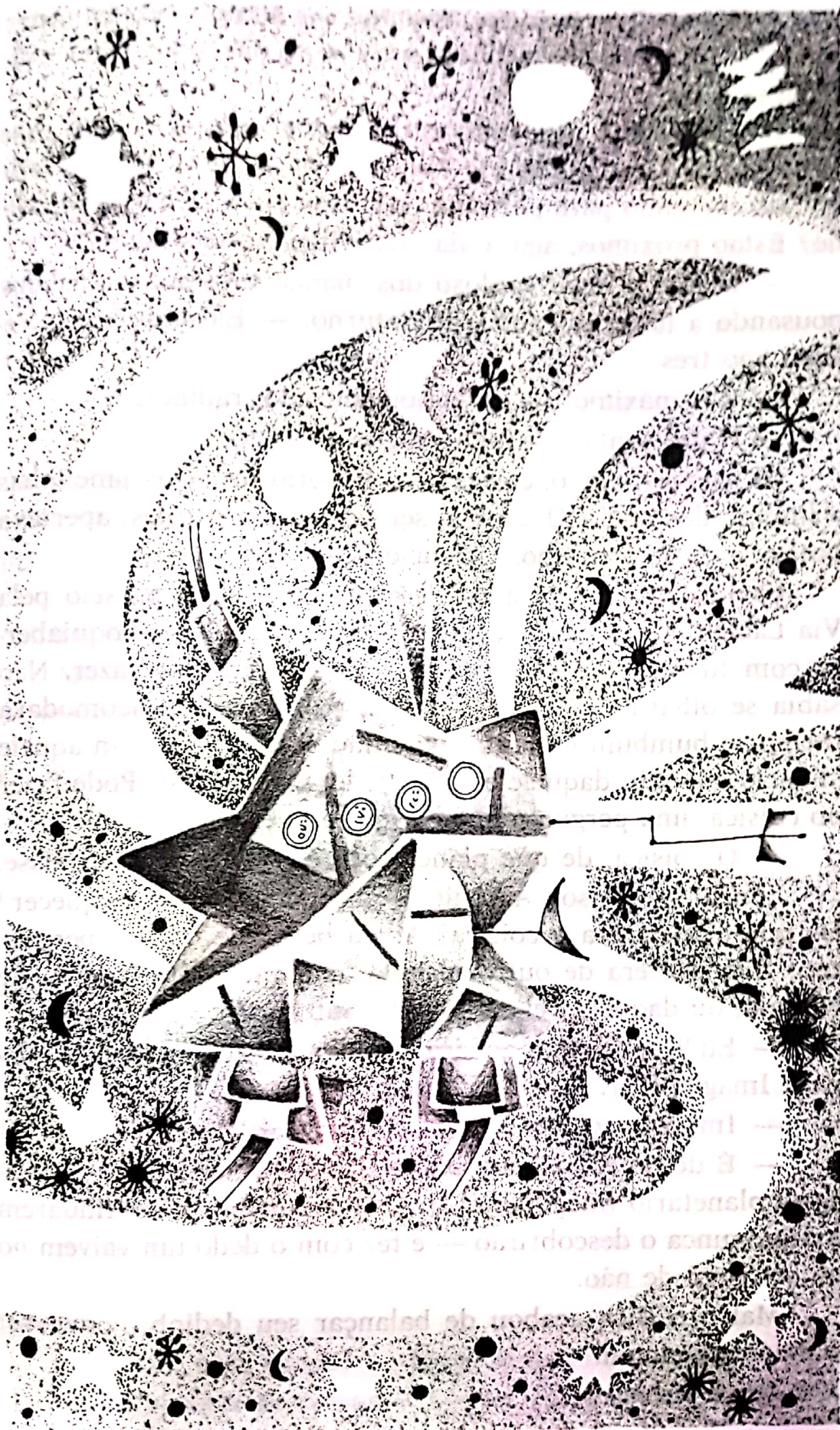
— Só se for com muita imaginação mesmo, porque tirando uma e outra o resto não parece com nada.

— Coisas de quem vive no mundo das estrelas — respondeu o coisica, de olhar perdido no céu.

— Puxa, que legal! — Antônio animou-se. — Se um dia eu descobrir uma constelação, quero colocar um nome bem diferente.

— Tomara, Antônio, tomara que você veja muita estrela... Tomara... — disse o coisinha suavemente, como que pedindo.

Voltaram a olhar o espaço e de repente Antônio virou-se como se tivesse se lembrado de algo:

— E os planetas do sistema solar? Eu queria dar uma olhadinha. Ouço tanto falar neles...

— Maravilha de idéia, Antônio! — disse o coisica, apertando as próprias bochechas. — Vamos dar uma volta pelo sistema solar!

E lá vão eles. Passeiam entre Marte e Júpiter. Dão uma voltinha por Urano. Vão até Plutão, mas como lá é muito frio, voltam correndo para perto do Sol. Essa nave é mesmo rápida, né? Estão próximos, agora, da maravilha em pessoa:

— Esse é o mais vaidoso dos planetas — diz o coisinha, pousando a nave nos anéis de Saturno. — Ele tem anéis. Vejam! São três...

— É o máximo! — exclamou Antônio, radiante.

— É um sonho! — falou Miguel.

Os garotos, então, calaram-se. Devoravam pelas janelinhas a lindeza dos anéis. O coisica, sentado aos controles, apertava botões e ouvia aparelhos. Silêncio...

Carlito não falava nada desde o começo do passeio pela Via Láctea. Sorria sem parar, maravilhado. Estava boquiaberto com tudo o que via e ouvia. Não sabia o que fazer. Não sabia se olhava, se falava, se batia palmas ou se acomodava melhor o bumbum na poltrona; então sorria. Mas, com aquele silêncio, ele saiu daquele estado. Pôde, assim, falar. Pôde fazer ao coisica uma pergunta que há muito queria:

— Ó coisica, de que planeta ocê é? Ocê inda num disse.

"Puxa! — pensou Antônio. Como pudemos nos esquecer? De que planeta era o coisica? Ainda bem que Carlito perguntou! Sim, ele era de outro planeta, mas qual? De Júpiter, de Netuno, ou daquela beleza que era Saturno?"

— Eu?! — disse o coisica de sobressalto. — Sou do planeta Imaginassol...

— Imaginassol?

— É de outro sistema planetário — completou. — O sistema planetário Imaginassol... Os terráqueos, se continuarem assim, nunca o descobrirão — e fez com o dedo um vaivém no ar em sinal de não.

Mal o coisica acabou de balançar seu dedinho, ouviu-se: uanuanuanuanuan...

Era a sirene.

O coisica correu aos controles e pôs-se a apertar botões e escutar uns fones que colocou nas orelhas.

O que seria?

Os garotos esperam, apreensivos. Nem desconfiam da surpresa que os aguarda.

O coisinha escuta, escuta.

Mais umas escutadelas e pronto! O coisica encarou os três e disse com voz firme:

— Tenho que voltar para o meu planeta agora mesmo — e começou a ligar os foguetes.

— O quê? E nós? — estranharam os três.

— Hem? Vocês? Vão comigo, ora! Vão comigo...

— Ma-mas... não po-podemos!! — Antônio tentou recusar, branco de susto. — Não podemos ir assim, de repente, pra um lugar que nem sabemos onde fica! Temos que voltar!

— Não há tempo! Não há... Vamos! Vamos! — gritou o coisica, já com as mãos nos controles.

Não havia mais nada a fazer. Os jatos já estavam a toda. A nave deixava o sistema solar para trás.

ECOLOGIA

Quando os garotos viram que não havia jeito mesmo — estavam muito longe —, não puderam se conter de felicidade. É lógico que tinham um pouquinho de medo; afinal estavam indo, com um extraterreno, para um planeta de outro sistema! Mas é lógico também que estavam loucos por aventuras... E estavam indo, estavam indo...

— Coisica, pra que que ti chamaro? — quis saber Carlito.

— Minha presença está sendo muito solicitada no meu planeta.

— O que você faz lá? — indagou Antônio.

— Faço algumas coisas... — os olhinhos marotos cinti-

laram. — Vocês vão ficar sabendo. — Depois, mudou de assunto: — Olhem, já estamos bem longe da Terra!

Antônio desconfiou. Ali tinha alguma!

— Ó coisi... — Miguel ia falar, mas percebeu que não estava pegando bem chamar o amigo daquele jeito.

Os outros dois também sentiram o mesmo. Não estava correto aquele apelido. Os três entreolharam-se. Pronto! Surgia uma idéia. Aí vinha arte nova. Começaram a cochichar.

O coisinha nem reparou no que os garotos faziam. Mexia ali e lá, ouvia aparelhos barulhentos, via telas com desenhos esquisitos. A viagem continuava. E a reunião também. Demorou um bom tempo. Por fim, foram ter com o amigo:

— É o seguinte — foi Antônio quem falou —, nós não achamos certo lhe chamar de "coisica" — deu uma pausa. — E o seu nome...

— X48.666? — interrompeu o verdinho.

— É. É muito complicado — continuou Antônio. — E já que vamos viajar juntos por um bom tempo, nós... — tomou fôlego — nós resolvemos mudar.

— Sim, mudá... Achá um negócio mais simples pra esse tar de X não sei que lá — confirmou Carlito, tentando ser convincente.

— Está bem. Eu sempre quis ter dois nomes. Assim acaba essa monotonia. É muito chato ser chamado sempre da mesma coisa...

— Eta! Rapais batuta tá aí! — gritou Carlito.

— Mas tem que ser um nome que pareça com você — sugeriu Antônio. — E nós ainda não achamos. Vamos ver... Pensem, pensem!

Ficaram alguns minutos estáticos. Pensavam em silêncio. Até que, de repente, com um salto, um soco no ar e um berro, Antônio despertou:

— Ecologia!! Ele não é verde, verde, verde? Pois aí está! Ecologia... Não há nada mais verde.

— E-co-lo-gia — pronunciou o coisica. Depois pensou bem, coçou a orelhinha direita, tornou a pensar e por fim confirmou: — Está bom, aceito.

— Aí!!! — riram-se os três.

Os garotos, então, fizeram com que o coisica se agachasse na sua frente. Sérios, puseram as mãos sobre o seu ombro e...

— Assim te batizo: Ecologia, para os devidos fins e direitos — finalizou Antônio.

OLHOS FURTA-COR

Enfim os garotos aquietaram-se. Acomodaram-se bem nas poltronas e ficaram olhando para fora. Tudo ficou quietinho...

Ecologia deixou os comandos e chegou mais perto.

— O que vocês estão fazendo?

— Estamos pensando — respondeu Antônio sem dar atenção.

Pensando? Hum... Aí vem novidade...

— Estávamos pensando como seria legal se cada pessoa lá da Terra tivesse uma nave dessas.

Ecologia fez uma cara de espanto, com olhos arregalados e tudo:

— Ora, mas vocês têm!

O quê? Será que nós temos? Vocês já viram alguma por aí? Antônio, Miguel e Carlito duvidaram. Então, Ecologia sentou-se no chão e, recostando na parede, relaxou o corpo. Deu uma coçadinha no nariz e falou:

— Vocês têm, têm sim. Ora, se têm! Mas não usam — e fez que não com a cabeça. — Não usam como deveriam usar. É uma bela nave, sabe? Pode levá-los a lugares novos, de brilho, de cores, de luzes incontáveis — ergueu os braços. — Pode levá-los a conhecer gente diferente. Seres ma-ra-vi-lho-sos! Ah, sua nave! — e, baixando a cabeça, disse entre dentes: — Ah, a nossa nave...

Fez uma pausa. Os meninos já tinham deixado as poltronas, estavam à sua volta.

Havia alguma coisa nova. O ar parecia diferente. Mais leve, mais fresco. Tudo estava calmo, tranqüilo...

— Que nave é essa? Como é ela, Ecologia? — quis saber Antônio.

— Essa nave, meus amigos, é... é o sonho! — e sorriu o sorriso mais sorriso que vocês possam imaginar.

— Mais por que ocê num disse logo, sô! Tô pensando que é um baita troço, desses grande, cheio de luz, que vua alto inté a gente perdê de vista — reclamou Carlito, tirando o chapeuzinho de palha da cabeça.

— Mas vocês o perdem de vista, sim. Porque o sonho a gente vê com outros olhos, olhos furta-cor, lampejantes, paradões e piscantes ao mesmo tempo: olhos imagineiros. O que acontece é que gente grande nem liga para sonhar. Não se interessa em ter esses olhos. Essas pessoas correm não sei atrás de quê. Mas correm, correm muito. E a elas só interessa aquilo que podem pegar, guardar, usar. Bobocas! Esquecem-se de que nem tudo é assim. As coisas mais importantes a gente não pode abraçar: são como o ar... — Ecologia estava com jeito de irritado, mas falava suave, calmamente, combinando com o ambiente. Os garotos não entendiam mesmo aquele coisica. Que bichinho atrapalhado!

— Ih! — continuou — quanta gente se deu mal por ser contra essa mania de enxergar só o que pode pegar, de só aceitar aquilo que já sabe. Por isso, quantos inventores, descobridores, escritores — gente da turminha dos olhos furta-cor, dos olhos imagineiros — foram queimados em fogueiras, dados como loucos, esquecidos a um canto!...

— Puxa!!! — suspiraram os três.

Ecologia ergueu os olhos e pela janelinha da nave ficou observando o céu estrelado. Permaneceu assim por alguns instantes. Depois olhou bem para os meninos, coçou o narizinho e disse quase cochichando:

— Mas vocês podem mudar isso. Não sejam grãos de poeira... — e fechou os olhos.

TRIO FÉRIAS

"Não ser grão de poeira?", pensou Antônio, mas guardou a pergunta. Um dia descobriria a resposta. Não teve coragem de perguntar a Ecologia, que, naquele momento, estava de novo com os olhos fixos no espaço eterno lá fora. Era como se não visse ninguém.

Carlito, chegando com cuidado, cutucou o extraterreno. Ele deu um salto e no momento seguinte estava completamente mudado. Agora era o Ecologia que conheciam:

— Meus amigos, já devemos estar chegando — abriu os braços e deu três pulinhos. — Esperem, vou ver quanto falta ainda.

Foi correndo mexer nos controles. Depois virou-se e disse:

— Falta pouco. — Seus olhinhos brilhavam. Era um brilho... verde. É, um brilho "imaginense".

Os garotos se abraçaram de felicidade e se afastaram um pouco de Ecologia. Tinham coisas para conversar. Dali a pouquinho voltavam para falar com o amigo.

— Ecologia — chamou Miguel —, nós pensamos naquilo que você disse e resolvemos inventar um nome pra nós também. Pra mudarmos tudo, pra ficarmos de vez viajantes das estrelas.

— Muito bom. E qual é o nome?

— O nome inté que é bacana — respondeu Carlito, afoito. — É um trio... o Trio Férias! — e ergueu o chapéu em sinal de vitória.

Ecologia não disse nada.

Os meninos entreolharam-se desapontados. Murchos, iam voltando para seu canto quando Ecologia deu um berro:

— Maravilha! Agora estamos prontos: Ecologia, Trio Férias e sua nave. Que venham todas as estrelas! Ipu, ipu, ipu, ipa!

Uanuanuanuanuan...

Era a sirene de novo. Todas as luzes do painel de controle piscavam. A velocidade da nave diminuía...

— Chegamos! — gritou Ecologia com voz aguda.

Os meninos correram para as janelinhas. Um brilho dourado intenso dominava tudo.

Maravilha!! — como diria Ecologia. Maravilhíssima!! — isso sim. Tanta lindeza era de derrubar o queixo nos joelhos...

Luz douradíssima de um lado, do outro, para cima, para baixo.

Era Imaginassol. Que Planeta! Todo ele um sonho. Um sonho a cores, brilhantíssimo, sorridentíssimo. Um sonho de mil cores!

E os imaginenses, então? Todos de pernas curtinhas e bochechas fofinhas. Uma graça! Pareciam bebês. E agitadíssimos: uma corridinha aqui, outra ali, não paravam nunca. E estavam sempre rindo, rindo até as orelhinhas.

Pena que nem tudo eram maravilhas. Outras coisas, não tão bonitas, esperavam os garotos.

IMAGINASSOL

Desciam bem devagar.

Em volta ainda era tudo amarelo.

Ecologia acionou o trem de pouso. Os pés da nave foram baixados.

Desciam... desciam...

Agora já avistavam o chão, as árvores, os montes...

Ecologia, firme nos controles, descendo... descendo...

A nave tocou o solo.

Os garotos pularam fora imediatamente: estavam loucos para esticar as pernas. Mas não deram um passo. Ficaram imóveis, brancos de surpresa. O chão que pisavam brilhava! Era como se luzinhas e mais luzinhas acesas estivessem cravadas no chão.

Ecologia, vendo-os assim, não sabia o que fazer. Bateu palmas, esperneou, berrou. Nada. Mas insistiu tanto que conseguiu fazê-los andar. Seguiam cegamente o amigo, que andava como se marchasse, bracinhos para trás, bem soltos.

Caminhavam por uma estradinha estreita. Ao redor, algumas árvores. O ar era leve como o da nave quando Ecologia falou em sonhos.

Fizeram uma curva e lá estava, bem na frente, no sopé das montanhas, a capital do planeta de Ecologia. Em volta, só claridade. Claridade forte, dourada, que não dava nem para olhar. "Por que esse brilho no solo? Por que tanta luz? Por que essa coisa diferente que a gente sente?", pensava Antônio. Mas o deslumbramento era tamanho que ele não conseguia dizer palavra, fazer pergunta a ninguém.

Logo que Ecologia avistou a cidade, saiu correndo feito louco. Os garotos foram atrás. E assim, desembestados, entraram pelas ruas entre aquelas torres altas e casas com paredes de espelho.

Foram dar bem em frente a um grande prédio. Havia uma certa agitação ali. Muita gente, muita conversa. Parecia até uma enorme feira.

Ecologia, como se estivesse sozinho, continuou adiante. Entrou pela confusão adentro. Os meninos o seguiram, que remédio? Quando estavam bem no meio, Ecologia sumiu. Sumiu! Os três tentaram procurá-lo, mas não o acharam: era muita gente. E agora? Sem o seu guia, estavam perdidos. Ficaram ali, parados, sem saber o que fazer. Apenas olhavam. Olhavam o enorme prédio todo de espelho (como as casinhas) que estava a alguns passos deles e aqueles imaginensezinhos andando de um lado para outro, de camisolões até os joelhos, cochichando de um jeito que eles não entendiam. E foi assim que viram... Viram a coisa mais estranha que se possa imaginar.

Aí, então, a surpresa foi total. Miguel embasbacou-se todo. Carlito ficou branco, roxo, azul, amarelo, virou uma aquarela inteira de palermice. E Antônio? Nem se fala.

— Não tô vendo isso! — murmurou Miguel, chegando mais perto.

— Coisa de louco! — exclamou Antônio.

— Coisa desses coisica, isso sim! — completou Carlito, já pensando em experimentar.

Diante deles, os imaginenses bebiam luz de uma bica! Isso mesmo! Bebiam luz! Luz!

Os garotos estavam assim, encantados pela bica, quando os imaginenses repararam neles e estranharam, porque eram bem diferentes. Começaram, então, a aparecer coisicas de todos os lados, rodeando-os. Apertavam, cheiravam e esquadrinhavam os meninos, sempre no maior dos cochichos. De repente resolveram levá-los para algum lugar. Começaram a puxá-los pelos braços. Eles, desconcertadíssimos, deixaram-se levar, para ver onde aquilo ia dar. Menos Carlito, que não deixou de bom grado, pois queria experimentar a tal luz bebível. Foi, mas virava-se sempre para trás, olhando a bica, lambendo os beiços.

Os imaginensezinhos os levaram àquele prédio todo de espelho. Os garotos foram empurrados para dentro e puxados até a porta de uma enorme sala. Lá estava Ecologia. Mas ninguém entrou: ele estava numa espécie de conferência. Os meninos não entendiam muito bem, por isso esperavam. Os coisinhas, via-se, tinham o maior respeito pela tal conferência.

A sala era quase toda silêncio. Só se ouviam duas vozes. Uma era de Ecologia, a outra ... os meninos procuravam, procuravam e não viam ninguém que pudesse estar falando com ele.

Antônio, curioso, quis saber quem estava conversando com Ecologia, e um dos imaginensezinhos lhe disse baixinho:

— É ELE!

ELE? Quem é ELE?

ELE

Subitamente a conversa parou. Ecologia calara-se. Então, virando-se, achou os meninos espiando-o da porta. Ficou alegríssimo:

— Trio Férias?! Onde estavam?

— Onde estávamos?! Ora, você deixou a gente naquela

confusão — disse Antônio, irritado, entrando na sala. — Ficamos perdidos!

— Oh! — exclamou Ecologia com seu risinho. — É que eu estava falando com ELE...

Os meninos entreolharam-se.

— Mas quem é esse Ele, afinal? — quis saber Antônio.

— ELE é... ELE! — e Ecologia apontou. — É o computador.

Que loucura! Era uma máquina enorme, cheia de botões, discos, fitas, luzes. Tomava a sala inteira.

— Bárbaro! — exclamou Antônio.

— O que ELE faz, Ecologia? — Miguel se interessou.

— ELE?! Faz o que precisamos — e ergueu os ombros. — Fabrica nossos alimentos, nosso combustível, controla a claridade do saber...

— Claridade do saber? — interrompeu Antônio com cara de quem estava disposto a entender, de qualquer forma, aquele planeta maravilhoso.

Mas Ecologia não respondeu. E continuou:

— ELE sabe tudo... Responde ao que perguntarmos — e começou a andar de um lado para o outro com seu jeitinho. — Sim, ao que perguntarmos!

— E o que cê tava falando com o tar? — indagou Carlito.

Ecologia de repente estacou. Ficou olhando para os três. Ora cruzava os braços, ora punha as mãos na cintura, ora puxava as orelhas. Parecia embaraçado com a pergunta:

— Eu?! Eu falava... Sim, falava. Mas o que falava? É, falava... Como direi? Falava...

— Deixa de sê enrolado, sô! — repreendeu-o Carlito.

— Está bem. Está bem. Eu estava contando.

— O quê??? — quiseram saber os meninos.

— As minhas olhadelas, ora!

— Como assim? Explica direito — pediu Miguel, ainda na mesma.

— Eu sou, digamos, um explorador... um explorador das estrelas — e coçou o narizinho. — Tudo que vejo — um bichinho novo num planeta, uma atividade diferente em outro, um

cometinha que nasceu, uma estrela que morreu — conto para ELE.

Carlito cutucou Miguel, cochichando:

— Isso pra mim num é sê exploradô. Isso pra mim é sê xereta.

Ecologia ainda dizia:

— O computador escuta, escuta, analisa e guarda na memória. Que memória!! Assim, estamos sempre bem informados do que acontece.

— Legal! — disse Antônio batendo palmas. Mas sua animação foi pouca e logo ficou sério. Então encarou Ecologia e disse: — Mas ainda não sei uma coisa: e aquela voz que falava com você?

— Ah, a voz! — Ecologia fez mistério, enquanto procurava um botão em meio àquela parafernália do computador. Achou, era um azul. Então pressionou-o, repetindo: — A voz... a voz...

— Con-ta-to.

— A voz era... — Miguel nem conseguiu falar.

— Um computador que fala, como nos filmes!

— Vo-cê... An-tô-nio... a-cha... mes-mo... que... pa-re-ço... com... ga-lã... de... fil-me?

— Ei! Como sabe meu nome?

— Eu... sei... tu-do. Sei... que... o... de... cha-péu... cha-ma-se... Car-li-to... e... o... ou-tro... Mi-guel.

— Fenomenal! — gritou Antônio, com os olhos faiscando.

— Sei... que... vo-cês... for-mam... o... Tri-o... Fé-rias.

— Nossa! O home sabe tudo! — exclamou Carlito.

— Ho-mem? Des-de... quan-do? Não... não... não... Rrrrrrrrrr...

O computador desandou a fazer um barulho insuportável.

Ecologia, então, mais que depressa pediu a Carlito que se desculpasse e explicou que o computador odiava ser comparado ao homem. Vejam só! Manias de máquina.

— Tá bem, tá bem... Ó computadô, me descurpe, né...

O barulho cessou.

— Es-tá... des-cul-pa-do — a máquina voltou a falar.

— Tumém, ocê emburra à toa, à toa! — retrucou Carlito.
O computador já mudava de assunto:
— Gos-ta-ram... das... es-tre-las... dos... co-me-tas... dos... me-te-o-ri-tos... dos... no-vos... pla-ne-tas... que... co-nhe-ce-ram... Sa-tur-no... Jú-pi-ter... U-ra-no... — ia falando sem parar. — E... o... I-ma-gi-na-ssol? — deu uma pausinha. — Vo-cês... não... têm... per-gun-tas? Ado-ro... per-gun-tas... Per-gun-tas... Per-guuunnnn...
Ecologia voltou a apertar o botão azul:
— Esse aqui é o abre-e-fecha-matraca. Se derem corda, ELE não pára mais de falar.
— Qual seu nome? — quis saber Miguel.
— Computador Z-Matraca.
— Nada mais justo — concordou Antônio, já com os ouvidos estourando.
Foi aí que os coisicas começaram uma agitação danada. Maior ainda do que aquela que os garotos viram ao chegar. Os três quiseram saber o que era.
— É a Hora do Repouso...
— Repouso? — estranhou Miguel. — Mas vocês também dormem?
— Dormimos, sim. E quando dormimos, dormimos todos juntos.
Ah! "Dormimos todos juntos." Aquilo para Antônio veio como encomenda. Agora ele tinha um plano. Discretamente sorriu de contentamento. Olhou para Ecologia com o canto do olho. "Será que ele percebeu?", pensou.
— Bem que eu tô precisando dum soninho — comentou Carlito bocejando. — Pena que num é de noite.
— Aqui não anoitece. É sempre claro. Estamos no centro do sistema Imaginassol e, como o seu sol, este planeta não pode apagar-se — finalizou Ecologia, saindo da sala, Miguel e Carlito a seu lado e Antônio um pouco atrás, ainda admirando o computador.

UMA CONVERSA ÀS ESCONDIDAS

Foram até uma daquelas casinhas de paredes de espelho. Chamava-se aposento — explicou Ecologia. Era nelas que os coisicas dormiam.

O tal aposento era vazio, não tinha móvel nenhum. O chão, macio feito tapete, era quentinho, por isso deitaram-se ali mesmo. Estavam cansadíssimos. Os olhos foram se fechando e tudo ficou quieto. Até Ecologia dormiu. Mas Antônio, não: ele fechara os olhos, fingindo pegar no sono. Quando teve certeza de que ninguém estava acordado, levantou-se e saiu: precisava pôr seu plano em ação. Foi até o computador Z-Matraca.

Entrou devagarinho. Pé ante pé, foi até o meio da sala. Olhou por toda sua volta. Que vista!

"Como Ecologia fez mesmo pra ele falar?", pensou ele. "Ah! Acho que foi assim...", e chegou mais perto de uns controles. "Acho que apertou este botão... É, este azul, sim... Eu vou apertar... Pronto... Vamos ver se deu certo."

E então ouviu a voz:

— Con-ta-to.

— Deu certo! — vibrou o menino.

— An-tô-nio? Vo-cê... não... de-ve-ri-a... es-tar... des-can-san-do?

— Deveria, né? Mas precisava conversar com você... Fazer umas perguntinhas... Estou louco pra saber umas coisas.

— Sem-pre... res-pon-do... às... per-gun-tas.

— Isso é ótimo! — esfregou as mãos. — Bom, então, eu vou começar. Estou com um pouquinho de pressa, sabe? — Antônio estava inquieto, toda hora olhava para trás, para a porta. Que medo de que o vissem!

— Deixe ver — começou. — Ah, sim! O que é aquela bica de luz, Z-Matraca?

— Os... i-ma-gi-nen-ses... não... be-bem... á-gua. Be-bem... sa-ber.

— Bebem saber?!

— Be-bem... sa-be-do-ri-a... e... não... vi-vem... sem... e-la. Os... i-ma-gi-nen-ses... são... o... po-vo... ma-is... sá-bio... que... e-xis-te.

— Beber sabedoria! Ah! Ah! Cada uma! Então aquela luz da bica é saber?

— E-xa-to.

— Entendi — Antônio coçou o queixo. — Interessante... Z-Matraca, por que pra onde a gente olha aqui é luz? Por que tanta luz?

— O... pla-ne-ta... I-ma-gi-na-ssol... é... cen-tro... de... um... sis-te-ma... pla-ne-tá-rio... e... co-mo... o... se-u... Sol... e-le... i-rra-di-a... lu-mi-no-si-da-de. Por... i-sso... tan-ta... luz.

— Que barato! — o menino sorriu. — E essa luminosidade? Também é de sabedoria?

— Tam-bém.

— Puxa vida!

Antônio tinha os olhos cintilantes. Era sensacional estar ali conversando com Z-Matraca, aprendendo coisas incríveis. Ele começava a gostar ainda mais daquele planeta e daqueles coisinhas. Até esqueceu-se de olhar para a porta de vez em quando. E por isso ele não viu... Não viu que alguém o espiava. Arriscava olhadelas rápidas e se escondia novamente.

— Sistema Imaginassol? — as perguntas continuavam. — Ecologia fala tanto nisso! Como é, Z-Matraca?

— São... três... pla-ne-tas... Pla-ne-tói-de-I... Pla-ne-tói-de-II... Pla-ne-tói-de-III — ia respondendo o computador sem cansaço. — Gi-ram... em... tor-no... do... cen-tro... que... é... o... I-ma-gi-na-ssol. E-xis-tem... se-res... vi-vos... em... to-dos... e-les... e... o... mo-do... de... vi-da... é... pa-re-ci-do... com... o... da-qui. Ex-ce-to... o... ma-is... dis-tan-te... que... não... re-ce-be... mui-to... bem... a... cla-ri-da-de... do... sa-ber. Lá... é... tu-do... di-fe-ren-te.

— Ah, já ia me esquecendo... Que negócio é esse de controlar a claridade do saber?

— An-tô-nio... vo-cê... a-cha... que... te-nho... mes-

mo... ca-ra... de... ga-lã? — o computador mudou de assunto, procurando outras conversas.

— Acho, acho, mas fala logo!

— Pu-xa... um... ga-lã... um... ga-lã! — e Z-Matraca ficou com um tom de voz diferente, menos automático.

— Fala logo! — insistiu Antônio, impaciente.

— Que... me-ni-no... a-pre-ssa-do! A... luz... do... sa-ber... tem... o-ri-gem... lá... nas... mon-ta-nhas. E-la... fi-ca... qua-se... es-con-di-da. É... di-fí-cil... de... ser... al-can-ça-da... e... u-su-fru-í-da... por... to-dos. Mas... quan-do... é... re-fle-ti-da... se... ex-pan-de... e... o... I-ma-gi-na-ssol... con-se-gue... re-fle-tir... a... luz... pa-ra... os... pla-ne-tói-des... e... i-sso... é... bom. Quem... con-tro-la... e-ssa... i-rra-di-a-ção... sou... eu.

— Quer dizer que o Imaginassol manda raios de luz para todo lugar, que nem o nosso Sol lá da Terra — o menino tirava suas conclusões. — Sei... sei... Só que é luz refletida, refletida das montanhas. O Imaginassol espalha a luz do saber pelo espaço... — dizia de si para si. — Mas como? — E fez um jeitinho interrogativo. — Como essa luz é refletida? — coçava a cabeça. — Onde? Hum... hum... o solo! — estalou os dedos. — As luzinhas brilhantes no chão são espelhos! E por isso também as casas têm paredes de espelho... É por isso! — e Antônio bateu palmas, sorrindo.

— Cer-to... ó-ti-mo... ra-cio-cí-nio.

Mas o menino fez de novo carinha de intrigado:

— Então, Z-Matraca, por que o planeta se chama Imaginassol e não Sabersol?

De repente... Pimba!!

Antônio caiu desmaiado. Tinha levado uma pancada na cabeça, de alguém que veio silenciosamente por trás. Depois, foi a vez de Z-Matraca: alguma coisa foi retirada de dentro do computador, que emudeceu. E o autor disso tudo, com o rosto encoberto por uma capa, foi saindo de fininho...

UM GRANDE PROBLEMA

— Antônio, Antônio!

— Hem? Hum? — o menino abriu os olhos. — Por que estou aqui?!

— É isto que nós queremos saber — retrucou Miguel.

Antônio levantou-se.

— Alguém me acertou em cheio... por trás... Não deu para ver quem era — disse, esfregando os olhos.

— Que que ocê tava fazendo aqui, em veis de tá durmindo? — perguntou Carlito de mão na cintura.

— Eu estava conversando com Z-Matraca. Precisava saber umas coisinhas — explicou o menino, pondo a mão na cabeça, que estava dolorida.

— E ficou sabendo muita coisa? — empolgou-se Miguel.

— Fiquei. Depois eu conto. — E, lembrando-se, virou-se para o computador: — E Z-Matraca?

— Tá mudo. Núm fala nada, nadinha — disse Carlito.

— Mudo?! Por quê?!

— Não sabemos! — respondeu Miguel. — Isso aqui tá uma confusão! Só Ecologia pode explicar.

— E cadê ele? — quis saber Antônio.

— Nóis sabe onde ele tá. Vamo lá! — sugeriu Carlito.

Saíram para as ruas. Miguel ainda contava:

— Ecologia deixou a gente procurando você e foi atrás da nave. Ele tá achando que você foi raptado.

— Raptado?! — surpreendeu-se Antônio mais uma vez.

Cruzavam toda hora com coisicas agitadíssimos.

A luz atrás da montanha já não era tão intensa. E, na fila da bica do saber, os coisinhas não traziam mais canequinhas para beber: tinham, agora, vasilhas grandes. Parecia que, com medo de a bica secar, queriam armazenar saber. Havia alguma coisa errada.

Os três saíram da cidade. Foram até o lugar onde a nave pousara. Ecologia estava lá.

— Mas então você não foi raptado?! — disse Ecologia ao ver Antônio.

— Não. Por que haveria de ser? — respondeu o menino, cruzando os braços.

— Que bom! Que bom! — soltou Ecologia, dando três pulinhos e de mãos nas bochechas.

— O que aconteceu? O que está acontecendo? — insistiu Antônio.

— Roubaram a pilha principal de Z-Matraca. Ele não pode funcionar sem pilha. E sem ele tudo pode descontrolar. Pode acontecer uma catástrofe! — e Ecologia ergueu os braços.

— Catrástrofe! Que coisa! — exclamou Carlito, com cara de quem não estava entendendo nada.

Antônio empalideceu: "Sem a luz do saber, o que seria dos imaginenses?".

— E você sabe quem roubou? — perguntou Miguel.

— Sei. E vou lá buscar! — Ecologia fez carinha de decidido.

— Nós vamos juntos! — retrucou o menino.

— Somos ou não somos o Trio Férias? Vamos nessa com você! — completou Antônio.

— Craro, craro... Vamo buscá essa tar pia nem que fô pra lá do infinito! — Carlito apoiou a idéia.

— Maravilha! Maravilha! — Ecologia sorria pelos olhos.

O PLANETA FEIO

Estavam com muita pressa, por isso não perderam tempo. Entraram na cabine. Conferiram os aparelhos. Tudo pronto. Os foguetes foram ligados. Zump!! Já estão pelo céu.

A nave voa...

— Ecologia, quem é esse que roubou a pilha? Onde ele está? — voltou a perguntar Miguel.

— Não é esse. É essa. A rainha — respondeu Ecologia.

— Rainha??? — estranharam os três.

— Sim, rainha. A rainha de Planetóide-III.

— Planetóide-III?! — espantou-se Antônio. — Mas é o planeta que recebe menos luz!

— É... — Ecologia concordou com a cabeça.

— Como você sabe disso, Antônio? — perguntou Miguel. — Foi Z-Matraca que contou?

— Foi — respondeu Antônio e virando-se para Ecologia: — Ele disse que lá tudo é diferente. Como assim, Ecologia?

— Diferente?! Nem tanto — e Ecologia coçou o narizinho. — Existem planetas com os quais ele até é muito parecido. Um desses vocês até conhecem... e bem — e, num ataque (daqueles que tinha sempre: ataque imaginense), parou de falar, olhou para fora e gritou: — Estamos perto!

Estavam mesmo: o painel de controle já avisava.

Foram descendo devagarinho, suavemente... pousaram!

— Que planeta! — admirou-se Antônio ao descer.

— Olha aquelas árvores, todas secas! — apontou Miguel.

E viram, além de árvores secas, plantinhas mortas, o mato crescendo, as flores despedaçadas. O céu era vermelho de poeira; o ar, pesado, fez os meninos tossirem. Era aquilo o Planetóide-III.

— Temos que ir andando! — recomendou Ecologia.

Por onde passavam, era sempre a mesma coisa. Carlito comentou:

— A terra, pra mim, é boa! — bateu com o calcanhar no chão. — É fofa. Tá fartano cuidado desse povo, sô!

Ecologia não dizia nada. Só andava.

— Ecologia, pra onde vamos? — tentou saber Miguel.

— Para o Palácio da Rainha.

O ENCONTRO COM A RAINHA

Logo, o palácio surgiu, bem na frente deles. Com um grande jardim, flores conversadeiras, pássaros cantadores e tudo. Era um palácio bem palácio, mesmo. Branco — branquíssimo —, com uma longa escadaria. Carlito olhou aquela

belezura, virou-se, olhou bem aquela feiúra que vira antes e exclamou, intrigado:

— Mais o que tá cuntecendo cum esse povo, que tem um castelo desse numa terra dessa?!

Ninguém respondeu.

Ecologia subiu as escadas. Passo a passo, cansadamente, chegou lá em cima. Os meninos se entreolharam e subiram correndo atrás dele.

Ao lado da porta havia dois leões. Dois leões de pedra. Pareciam de verdade. Um tinha uma enorme boca mostrando os grandes caninos. Dava arrepio só de ver!

Ecologia bateu à porta:

— Tum. Tum. Tum.

Silêncio por algum tempo. De repente, ouviram um rangido longo e alguém com cara de mordomo apareceu.

Carlito cutucou Miguel:

— Cum essa ropa cinza e essa cara, ele num parece um urubu?

Miguel riu, mas baixinho.

— X48.666?! Queira entrar, senhor — disse sério o cara-de-urubu, mostrando que conhecia Ecologia, mas mantendo sempre uma enorme cerimônia. E apontando os meninos com um certo desprezo disse: — E eles, senhor?

— Ora, vão entrar comigo. Por quê? — retrucou Ecologia de carinha fechada.

— Oh! Por nada, senhor. Por nada... — e virou-se para os três: — Entrem, por favor.

O cara-de-urubu levou-os até uma sala enorme. Era ali que ficava o trono real. A rainha olhava por uma das várias janelas da sala. Observava o jardim. O cara-de-urubu chamou-a de modo servil:

— Majestade, X48.666 quer uma audiência.

Ela virou-se e, ao ver Ecologia, deu um sorriso.

— X48.666! Há quanto tempo! — disse a rainha indo sentar-se ao seu trono.

Aquela rainha não era bonita. Tinha um ar misterioso: nariz empinado, cabelos longos, sobrancelhas arqueadas... e aquele vestido de cauda! Sem dúvida, tinha um ar de mistério.

— E quem são esses com você? — disse ela amavelmente.
— É o Trio Férias. Grandes amigos.
— Muito bom. Mas o que o traz aqui?
— Ora, a pilha principal de Z-Matraca! — respondeu Ecologia de mãos na cintura.
— Pilha principal de Z-Matraca?! — a rainha mostrou-se surpresa. — Quer dizer que ele está parado?
— Está — e Ecologia fitou-a. — Mas não por muito tempo! Josefa, eu...
— Jose! — interrompeu-o a rainha, agora com jeito de irritada. — Sou a rainha Jose.
— Para mim é Josefa — completou Ecologia com um sorrisinho irônico. — E eu não tenho tempo para discutir. Eu quero a pilha! — e cruzou os braços sobre o peito.
— Mas eu não sei de pilha nenhuma. Você acha que eu a roubei?
— Acho — e Ecologia descruzou os braços. — Por isso estou aqui.
— Você não pode pensar isso de mim! — e suas sobrancelhas se arquearam ainda mais. — Eu sou uma rainha!
— É... — concordou Ecologia, como quem diz: "vai-se fazer o que, né?". Depois tornou a dizer: — Precisamos da pilha.
— Não sei de pilha nenhuma! — respondeu, resoluta, a rainha, encerrando a conversa.
— Será? — duvidou Ecologia, com os olhos brilhantes.
Os quatro deram as costas à rainha e resolveram sair. Iam cochichando. No meio do caminho pararam. Voltaram-se. Encararam-na. E, então, ergueram os braços e começaram a cantarolar:
— Josefa! Josefa!... Oh! Oh! Oh!... Josefa! Josefa!... Oh! Oh! Oh!...
Imediatamente ela levantou-se — tinha uma expressão de ódio — e mandou-os sair. Mas eles não saíram. Pelo contrário, continuavam a cantar: "Josefa, Josefa!". A rainha rogava praga, lançava maldições, esgoelava-se. E eles cantavam. Por fim, foram saindo lentamente e bateram a porta.
A rainha caiu ao trono, aliviada. Deu um suspiro. Depois

sorriu com o canto da boca, como se lembrasse que tinha um trunfo. Pôs-se de pé, então, e foi até a janela ver o seu jardim, como se nada tivesse acontecido.

O CAPITÃO MEDO

Já estavam longe do palácio.

Ecologia dizia:

— A rainha sempre foi contra os imaginenses e é por isso que tenho certeza de que foi ela quem roubou a pilha.

— Não entendi aquele negócio de Jose e Josefa — comentou Antônio.

— Jose é o nome pelo qual ela gostaria de ser chamada. Ela é cheia dessas coisas de manter as aparências — resmungou Ecologia, com uma carinha de reprovação. — O nome verdadeiro dela é Josefa Dorotéia.

— Josefa Do-ro-téia?! Que nome! — gritou Carlito. — Bom, pra rainha inté que vai bem. Inda mais cum aquela cara.

Miguel olhava ao redor, com a mão sobre os olhos, até que resolveu perguntar:

— Pra onde nós vamos?

— Vamos até onde mora o Capitão Medo. Talvez ele saiba onde está a pilha.

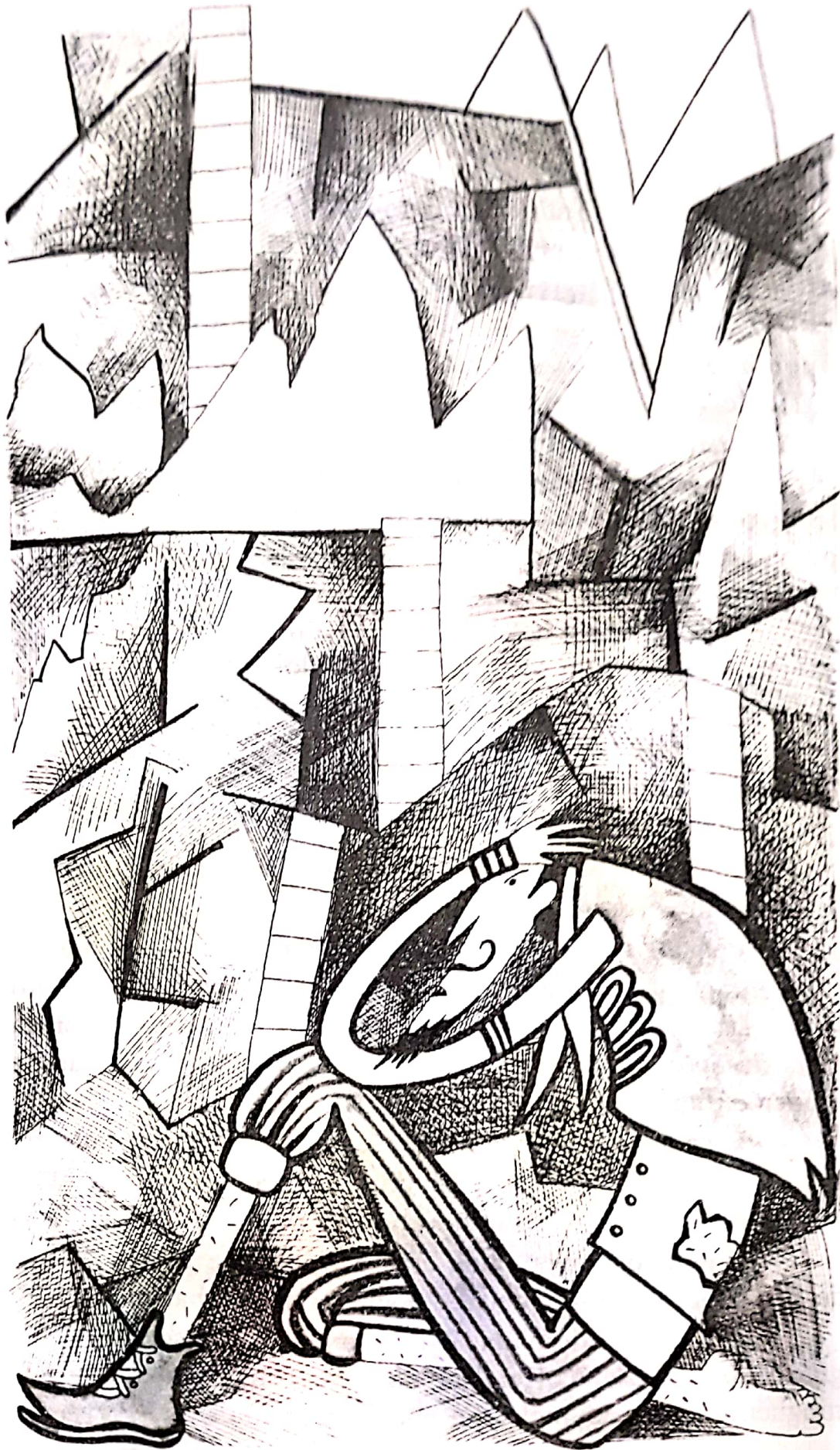
— Capitão Medo?! — os três se olharam, pensando: "Com esse nome, boa gente não deve ser!".

O Capitão Medo morava numa galeria subterrânea. Os garotos ficaram ainda mais cabreiros ao chegar.

— Ele mora aí?! Nesse buraco?! — exclamou Antônio.

— É escuro! — observou Miguel. — Não dá pra ver nada.

— Eu num sei não... Morá num lugá desse e tê esse nome! Tá parecendo que o tar Capitão Medo é parente de argum lobisome lá da Terra...

— Não, não... Um não tem nada a ver com o outro — explicou Ecologia, sorrindo com a desconfiança de Carlito.

Depois, deixou os meninos observarem um pouco mais a entrada da galeria e, então, resolveu: — Vamos descer.

Tinham que ir por uma escada muito estreita e em espiral. Era realmente bem escuro, mas algumas tochas iluminavam o caminho. Havia muita poeira, muitas teias de aranha e cheiro de mofo no ar. Tudo lembrava um filme de terror.

— Dispois, esse tar num é primo do lobisome?! Cruis credo... Cruis credo treis veis — disse Carlito se benzendo.

— Calma... ca-calma... cal-ma... — Antônio tentava tranqüilizar os outros, mas era o que mais tremia.

Ecologia ia na frente, com um risinho disfarçado.

A escada não era longa. Mas para eles pareceu infinita. Enfim, chegaram à galeria, que estava totalmente escura. Ecologia, mostrando conhecer o lugar, achou uma tocha e iluminou a sala. Estava muito suja, horrível, e era pequena e baixa. Os meninos tiveram dificuldades para entrar. Ecologia correu a tocha pelos cantos e num deles encontrou alguém. Estava todo encolhido, como se estivesse com dor de barriga, e tinha a cabeça escondida. Quando percebeu a luz, gritou:

— Vão embora!!

— Sou eu, X48.666 — disse Ecologia.

— Quem veio com você?

— Sossegue! Sossegue! É o Trio Férias... São amigos.

— Tem certeza?

— Lógico, ora — respondeu Ecologia cruzando os braços.

Lentamente, o capitão foi mostrando o rosto. Era magro — magérrimo — e pálido, muito pálido. Tinha uma barbinha modesta no queixo. Lembrava até um terráqueo. Usava camisa branca e uma calça que ia até os joelhos.

— Esse é o Capitão Medo?! — Antônio fez um muxoxo.

— O que querem? — perguntou o capitão, com os olhos esbugalhados e ainda encolhido no canto.

— Queremos saber onde está a pilha que Josefa roubou de Z-Matraca — respondeu Ecologia, com voz bastante firme.

— Eu não sei de nada. A rainha tem lá os seus segredos guardados em seu cofre. Ela não me conta nada. Não sou ninguém... Deixem-me! — e encolheu-se mais.

— Está bem, Capitão Medo, nós vamos embora. Volte o senhor para o seu encolhimento — terminou Ecologia.

A tocha foi apagada. Não se viu mais o capitão no seu canto.

Os quatro subiram as escadas calados.

A DESCOBERTA

— Eu não falei que ele iria nos dizer onde está a pilha? — disse Ecologia lá fora.

— Como, Ecologia? — não entendeu Antônio.

— Ora, ele disse. Disse, eu ouvi. Cofre... Ele disse cofre! Está no cofre de Josefa! — e seus olhos cintilaram.

— E onde tá o cofre da Josefa? — retrucou Carlito de mãos na cintura.

— No palácio. Temos que voltar lá — respondeu Ecologia, andando apressadamente.

Os quatro iam juntos. Os meninos sempre olhando tudo em volta, intrigados com aquele planeta estranho, esquisito, triste. O céu ainda era vermelho, como o pôr-do-sol. E não haviam encontrado sequer uma árvore com frutos ou verdinha. Tudo estava seco. Não cruzavam com ninguém. Havia só vazios. Era tudo deserto.

Na volta tinham que subir um monte, porque atrás dele ficava o palácio. Depois de um bom silêncio, Antônio começou:

— Eu tive uma má impressão daquele Capitão Medo — e fez uma carinha de indignação e tristeza. — Por que ele fica naquele lugar?

— Ah, o Capitão Medo! — soltou Ecologia, sempre olhando para a frente. — O Capitão Medo tem uma história.

— História?! — e as carinhas dos três iluminaram-se.

— Sim. Uma história.

— Conta, conta — pediram os garotos.

Ecologia coçou o narizinho, esfregou as mãos e contou:

— Há muito tempo, muita gente vivia neste planeta. Mes-

mo sem muita claridade, viviam bem, porque aprenderam a viver aqui. Daí, apareceram no planeta um homem e uma mulher...

— De onde vieram? — quis saber Antônio.

— Ninguém sabe — respondeu Ecologia, enquanto diminuía o passo por causa da subida do morro. — E eles acharam que roubando o Z-Matraca trariam toda a luminosidade para cá. Organizaram um exército. Fizeram o povo do planeta ficar a seu favor, e prepararam-se para declarar guerra contra os imaginenses. Ecologia fez uma careta. Mas Z-Matraca bolou um plano e prendemos a chefona da rebelião, a nossa Josefa, acabando com a guerra.

— Puxa! — exclamou Miguel.

— Depois disso levamos todo mundo para viver nos outros planetas do sistema, Planetóide-I e Planetóide-II. Mas a tal chefona quis ficar e ser rainha, mesmo sem súditos.

— E o Capitão Medo? Onde entra nessa história? — perguntou Antônio, coçando a cabeça.

— O companheiro de Josefa, na hora do combate, ficou com medo. Ela, que não admitia covardia (Rainha tem sempre esse negócio de não admitir, né?)... Bom, onde eu estava? Hem? Ah, sim... não admitia covardia, condenou-o a ficar preso naquele lugar.

— Mas como?! Ele não está preso!!! — gritaram os três surpresos.

— Aí é que vocês se enganam. Porque não foram feitos apenas o túnel e a sala; deram também um toque de terror: a escadaria. Ora, como ele temia tudo, temeria a escadaria e iria prender-se a si mesmo. Foi o que aconteceu.

— Vá tê medo assim lá diante, sô! — gritou Carlito.

— Na verdade, o Capitão Medo já não tem tanto medo daquela escada. Ele se acomodou ali. Acostumou-se com o medo. É uma vítima do comodismo — Ecologia baixou os olhos. — É por comodismo que ele ainda vive neste planeta, com essa rainha.

Chegavam ao topo do morro. Pararam um pouco. Lá embaixo via-se o castelo com seu belo jardim.

— Josefa nunca se conformou em perder e ficar sem a

luz e sem o domínio sobre Z-Matraca — Ecologia voltou a falar, olhando o castelo. — Agora tentou uma revanche. Mal sabe que assim nunca dominará a luz do saber, porque ela perdeu o dom de aprender!

Os meninos por um momento ficaram imóveis. Parece que não tinham entendido o que Ecologia queria dizer. Antônio, pensativo, deixou-se cair recostado ao tronco de uma árvore seca. Tinha os olhos no vermelho do céu. E foi assim que ele viu a poeira ser levada ao sabor do vento, sem vontade própria, indo de um lado para outro. Antônio entendeu. "Não sejam grãos de poeira", tinha dito Ecologia, ainda lá na nave, um pouco antes de pousarem em Imaginassol. Não ser grão de poeira. Não se deixar levar por idéias e sonhos que não são seus. Não se acomodar diante de ventos fortes. Aprender — aprender tudo — para poder escolher e saber para onde voar por entre as nuvens. Antônio entendeu! E sorriu. Estava ali a resposta: no vento. Ao voltar os olhos para os amigos, viu-os descendo o morro a caminho do castelo. Berrou para que o esperassem e correu saltitante ao seu encontro. Estava feliz.

O RESGATE

Estavam de volta ao palácio.

Agora não entraram pela porta da frente com mordomo e tudo. Entraram pelos fundos. Pé ante pé, sem nenhum barulhinho, lá iam eles. Eram corredores e corredores que não acabavam mais, como são enormes esses palácios!

Os meninos respiravam ofegantes; os corações batiam descompassados. Ecologia, que ia na frente, não dizia se estavam perto. Nunca chegavam, puxa!

De repente, Ecologia estacou. Apontou a porta no fim do corredor.

— É aquela! — disse baixinho.

Mais uns passos e estavam colados à porta. Ecologia notou que estava encostada. Abriu-a.

A sala era toda branca, e não havia nada nela, a não ser o cofre, bem no meio.

Entraram.

Ecologia foi direto ao cofre:

— A combinação. Será que ainda me lembro da combinação?

Carlito vigiava para ver se vinha alguém. Miguel e Antônio torciam. Ecologia desvendava o segredo:

— Mais um pouquinho... Assim... Assim não! É do outro jeito... Isso... Agora sim... Assim... Assim... Pronto!

Os meninos bateram palmas — baixinho, é claro.

— Aqui está! — e Ecologia mostrou a grande pilha que tirava do cofre.

— Aí vem a Josefa! — avisou Carlito.

"Tac, tac, tac." Eram os passos dela. Tinham que sair logo! Foram como foguetes: num instante, estavam fora.

A rainha chegou e achou a sala como esperava encontrar: vazia. Só que...

— Meu cofre! — gritou ao vê-lo aberto. — O que fizeram com meu cofre?! — Tinha as mãos na cabeça. — Não pode ser...

A rainha olhou lá dentro, revirou, remexeu e teve a certeza: perdera seu trunfo.

— Aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!! — berrou como nunca ninguém tinha ouvido.

Saiu feito louca por aqueles corredores e desceu até o porão. Tinha ainda uma arma para tentar reaver a pilha. E era diabólica!

A GRANDE ARMA

Ao ouvirem o berro, os quatro perceberam que a rainha já havia descoberto. Era o sinal. Tinham que ir mais depressa. Ecologia, então, propôs:

— Vou na frente para preparar a nave. Assim podemos sair daqui mais depressa.

Os meninos concordaram. Ecologia lá se foi.

Enquanto isso, a rainha preparava seu ataque.

Estava no porão, numa escuridão total. Falava em altos brados. Tinha os braços erguidos e as sobrancelhas ainda mais arqueadas. Mas com quem falava? Parecia não haver ninguém ali, a não ser ela. Apenas seus gritos quebravam o silêncio. Gritos horríveis. Chamados a mil demônios — demônios de todos os tipos e domínios. Chamou os demônios do fogo, do vento norte, da guerra, da nevasca, até do bigato de goiaba...

Os gritos da rainha e mais todos os demônios que ela tinha invocado acabaram por fazer uma coisa terrível: acordaram a grande fera.

E a fera urrava. Urrava e se debatia. O barulho no porão agora não era mais o dos berros reais, e sim um barulho estridente de corrente raspando no chão. A fera estava acorrentada.

A rainha abriu uma passagem que dava para fora do palácio. A claridade da abertura deixou ver a fera. Que monstro! A rainha soltou-lhe as correntes e ele se foi.

O monstro era chamado de Mongo. A rainha sempre fez dele o que quis. Era uma criatura enorme e tinha uma cara que lembrava a de um macaco. Era todo peludo. Tinha apenas um dente, que saltava da boca como dente de coelho, só que era muito maior. Andava corcunda e cada passo seu equivalia a vários passos dos meninos. E logo, logo, o monstro alcançou os três garotos.

— Não vai dar... Ele vai pegar a gente! — dizia Miguel.

— Vamos logo... Vamos correr! — gritava Antônio.

Chegaram a um lugar com muitas rochas e pedras. Tentaram se esconder, mas não houve jeito. A fera os viu e eles ficaram encurralados, sem ter pra onde fugir.

O monstro urrava cada vez mais e batia as mãos no peito — iria fazer picadinho deles.

— Eu nunca mais vô vê o sítio! — chorava Carlito. —

Nem meu pai... Nem a sinhá Benta... Nem o tio Zé... Que tristeza! Vô morrê...

— Fica quieto, Carlito! — pedia Miguel. — Ninguém vai morrer, não...

Carlito olhava para o monstro, depois para eles ali presos e não conseguia: chorava ainda mais. Era um berreiro.

Foi quando Antônio teve uma idéia. E que idéia!

— Vamos fazer olhos furta-cor... Ecologia não disse que nós podíamos tudo? Vamos fazer olhos furta-cor!

Deram-se as mãos. Eram mais do que nunca o Trio Férias. Concentraram-se (Carlito parou de chorar). Encararam a criatura. E fizeram! Fizeram, com bastante força, olhinhos furta-cor!

O monstro foi se acalmando, acalmando, acalmando... ficou manso. Man-si-nho!! Não fazia mais "rrrraarr!", agora era só "Uh! Uh! Uh!". Tinha dado certo! A criatura chegou perto deles e deu um tapinha na cabeça de cada um. Depois, pegou-os no colo.

— Eta! Esse bicho ficô bom demais! — exclamou Carlito, segurando o chapeuzinho enquanto era erguido pelo monstro.

— Calma, Carlito! Acho que ele vai levar a gente até a nave. Vamos de carona! — riu-se Antônio.

Miguel ia de cavalinho nos ombros do brutamontes:

— Não sei pra onde ele vai, não. Mas que isso tá gostoso, tá mesmo!

O monstro levou-os realmente até a nave.

— Ora, ora... — disse Ecologia de mãozinhas na cintura e sempre com seu risinho sapeca. — Até que os monstros não são tão ruins assim...

— Tumém concordo, Ecologia! — gritou Carlito, ainda nos braços da fera. — Feis uma gritaria danada, mais na hora da onça bebê água o bicho amansô e feis inté carinho, sô!

— Pois deixe-os agora, Mongo... Eles têm que ir — pediu Ecologia.

Os garotos desceram. O monstro sorriu. O monstro sorriu! Despediram-se e entraram na nave.

A nave subiu.

Lá de baixo, Mongo sorria e dava tchauzinho.

MARAVILHA

Voltaram o mais depressa possível. A nave ia a toda velocidade. O planeta Imaginassol não podia ficar muito tempo sem Z-Matraca.

Assim que pousaram, Ecologia foi correndo instalar a pilha. Todos esperavam ansiosos. Ele apertou os botões. Ouviu-se o velho ruído.

— Con-ta-to...

Só se escutavam gritos de alegria...

— Ipu, ipu, ipu, ipa!! — gritava Ecologia.

A claridade atrás das montanhas voltou tão forte como antes. Iluminou tudo. O solo luzia. Maravilha! A beleza estava de volta. Era brilho, brilho e mais brilho!

A luz voltou a rolar da bica, sempre limpa e purinha. Os coisicas se esbaldavam.

O sorriso voltou. Todos saltitavam.

Tudo era bem... bem imaginense!

Mas Antônio, Miguel e Carlito cochichavam num canto. Estavam tristes. Sentiam uma dorzinha chata, que não respeita nem as maiores belezas. Vem sempre quando a gente menos espera.

Miguel adiantou-se e olhou bem para o computador. Disse firme:

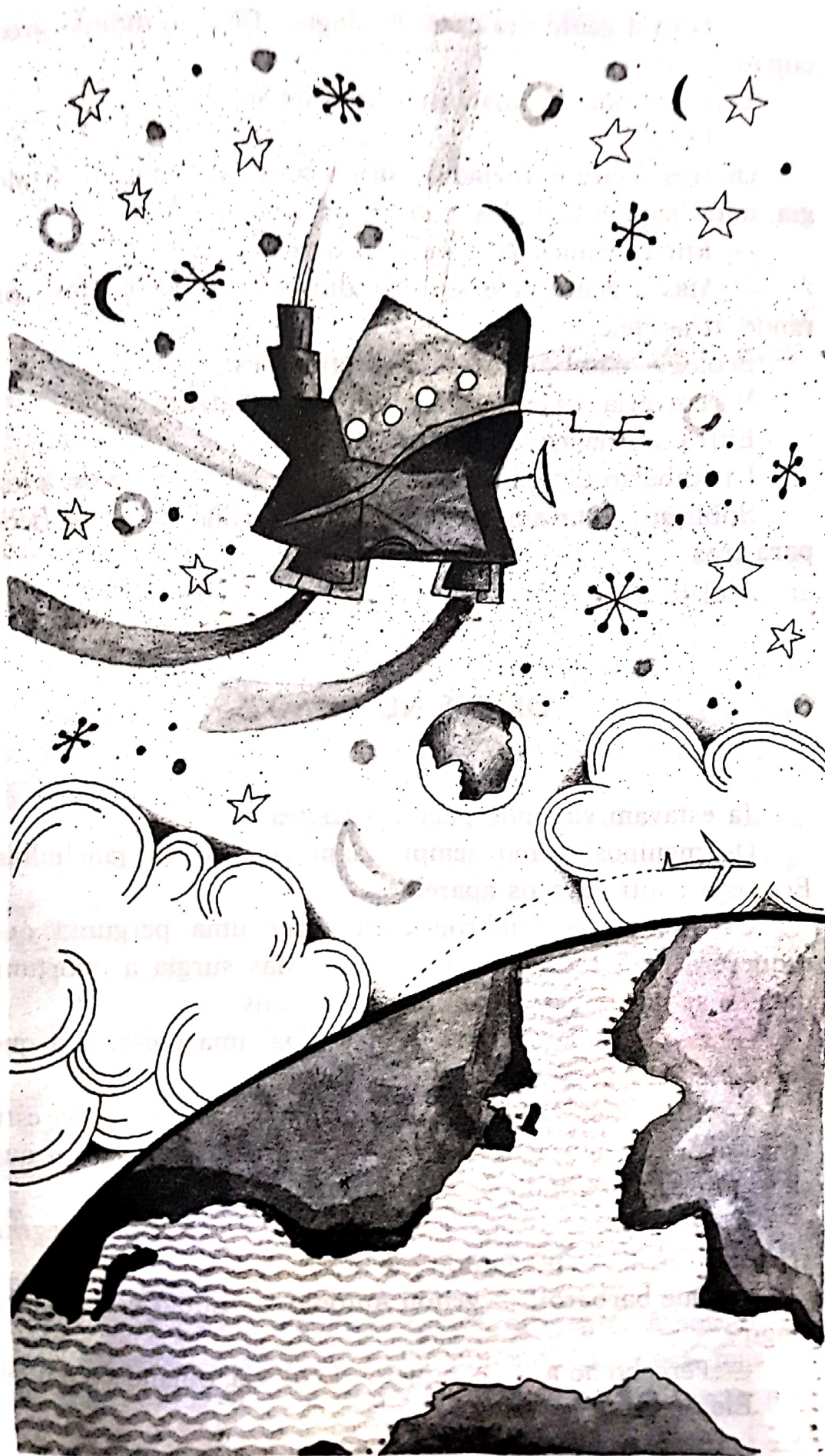
— Z-Matraca, você pode mostrar pra gente o sítio... o sítio do tio Zé?

Eles estavam com saudade!

— Cla-ro... é... só... o-lha-rem... a... te-la.

Z-Matraca, além de fitas, discos, botões, possuía também uma tela. Parecia com aquelas de cinema, só um pouquinho menor. Os garotos olhavam para ela em grande expectativa. Logo puderam ver tio Zé, Castro, tio Chico, com as caras mais sérias deste mundo, e sinhá Benta, que chorava. Todos andavam desorientados, vasculhando o sítio.

— Como pudemos esquecer?! — e Antônio deu um tapa na testa. — Eles estão procurando a gente!

Foram depressinha falar com Ecologia:

— Leva a gente pra casa, Ecologia? Tá todo mundo preocupado!

Ecologia por um instante parou de sorrir.

— Levo...

Os três ficaram aliviados. Mas logo se assustaram. Ecologia, num daqueles estalos, completou ainda sério:

— Então, vamos já! — e saiu desenfreado.

— Mas a gente nem se despediu! — diziam os três, correndo atrás dele.

Ecologia não ouvia. Esses imaginenses!

Na correria, esqueceram a tela de Z-Matraca ligada.

Entraram na nave. Subiam de novo.

Lá embaixo ficaram a cidade, os montes, as árvores, a luz.

Subiram. Estavam no espaço. E o brilho dourado ficou para trás.

DE PÉS NO CHÃO?

Já estavam viajando pela Via Láctea.

Os meninos, como sempre, iam colados às janelinhas. Ecologia controlava os aparelhos.

Carlito, então, lembrou-se de fazer uma pergunta que esquecera com toda aquela agitação. Mas surgia a oportunidade, e se não fizesse agora não faria mais.

— Ecologia — chamou —, me diga uma coisa: pra que serve esse seu boné de antena?

— Ah, o meu boné! — disse o imaginense, como se estivesse com o pensamento longe. — Com este boné, sei o que cada um está sentindo. É um detector de sentimentos.

— Qué dizê que ocê sabe quano a gente sente alegria, tristeza, raiva? — perguntou Carlito.

— Que bárbaro!! — gritou Antônio. — Então não adianta fingir?

— Percebo no ar — completou Ecologia, olhando o painel. Ele percebia no ar.

— Olha a Terra! — gritou Miguel, apontando.

A Terra! Que emaranhado de cores!

Lá iam eles, descendo. Agora sim, já dava para ver melhor.

América do Sul.

Brasil.

O sítio.

E o pomar.

A terra vermelhinha!

Estavam de volta!

Era tarde, mais ou menos umas sete horas da noite. O céu era estrelado, a lua cheia.

Saíram da nave, respiraram o ar terrestre.

Tinha chegado o momento das despedidas.

— Puxa! É nosso costume dar presente na hora das despedidas pra que nunca mais se esqueçam de nós. Mas não temos nada pra oferecer — disse Miguel, tentando disfarçar a tristeza.

— Não tem importância — retrucou Ecologia.

— Tem sim! — e, olhando ao redor, o menino achou. Achou uma flor de laranjeira. Tirou do galho e mostrou: — Aqui está... é a única coisa.

— Oh! — disse Ecologia com jeitinho meigo. — Muito obrigado — e acariciou a flor. — E o meu presente? Será que trago algum? — tinha os olhos interrogativos. — Trago... trago sim...

Os meninos se inquietaram.

— Não — recomeçou —, não é bem um presente. É um pedido... — coçou o narizinho. — Sim, um pedido. Não fiquem mais à espera de viajantes das estrelas que caem do céu — e apontou para cima. — Vocês já são viajantes. São, sim... Não se lembram da nave Sonho? — e Ecologia abriu os braços. — Pois sonhem! Sonhem com vontade. Sonhem com amor. Vai ser uma maravilha! — e suas bochechas luziram. — Só depende de vocês.

Fez uma pausa. Ecologia estava diferente. Ainda tinha aquela expressão sapeca e o risinho no canto da boca, mas os seus olhos... Havia neles mudança de cor ou um piscar no-

vo... Talvez fossem aqueles seus olhos furta-cor. E, olhando para cima, completou:

— Quanto a me esquecerem, apenas olhem para o céu. Só que tem que ser à noite. E, juntando com uma linha todas as estrelas, terão minha imagem estampada sobre suas cabeças: a Constelação Ecologia.

— Mais vai tê memo?! — duvidou Carlito.

— Se vocês acreditarem, então vai. Ela estará lá. É só fazer olhinhos furta-cor, fazer uma forcinha, não é difícil! Não é difícil! — e gritou para o mundo escutar.

Nesse momento ouviu-se um barulho no pomar. Era o pessoal do sítio procurando os meninos. Os três correram ao encontro deles.

Enquanto isso, a nave subia, subia... Antes de perdê-la de vista, os garotos acenaram para Ecologia.

E a nave subiu, subiu... e sumiu no espaço.

Leia também, da Série FEITIÇO:

O ELEFANTE ASSASSINO

Pedro Bandeira

O querido autor do público infanto-juvenil
situa sua nova história
num circo mambembe perto da falência.
Os personagens principais desta aventura
são um elefante, um garoto,
o dono do circo e um
palhaço já falecido,
envolvidos nas peripécias de como alimentar
o velho leão do circo.

OS NATIVOS DE VEGA

Lúcia Pimentel Góes

Num futuro distante,
uma nave estelar brasileira
parte em direção ao planeta Vega —
de um longínquo sistema solar
semelhante ao nosso —
em busca dos nossos vizinhos do espaço e,
pela primeira vez, entre os tripulantes
segue Daniel, um menino de 13 anos.

Leia também, da Série FEITIÇO:

O JARDIM DOS CAVALOS-MARINHOS

Mustafá Yazbek

Hoje, em meio a livros **realistas**
para crianças e jovens, uma pergunta se impõe:
ainda há espaço
para o sonho e a fantasia?
Para o autor deste poético romance,
a resposta é afirmativa.
Este seu pequeno e belo livro
conduz o leitor a plagas encantadas,
a um mundo de sonho, a partir da história
algo fantástica de um velho pescador.

A ROSA DE JUNHO

Teresa Noronha

A autora, neste curioso,
sério e bonito **A Rosa de Junho**,
conta a "biografia" de uma jovem professora
que vai para o interior à procura
de trabalho, ou seja,
à procura do seu próprio destino.
Um dia — enredada na trama do destino —
conhece um rapaz, ousado, que tenta
conquistá-la. Ela pensa que se trata
de um louco, mas depois . . .

Dênis Eduardo é um estudante de Medicina que sempre gostou de ler e escrever. E que está começando sua carreira literária com este livro de ficção científica para crianças em que até o impossível acontece.

UMA VIAGEM

Neste livro cheio de acontecimentos delirantes, o autor conta as aventuras de três meninos, durante uma viagem fantástica em que visitam outro sistema planetário, salvam a vida do planeta Imaginassol e ganham um amigo furta-cor...